

TEATRO DA
TRINDADE
INATEL



**A RAINHA DA BELEZA
DE LEENANE**

DE MARTIN MCDONAGH ENCENAÇÃO SANDRA FALEIRO

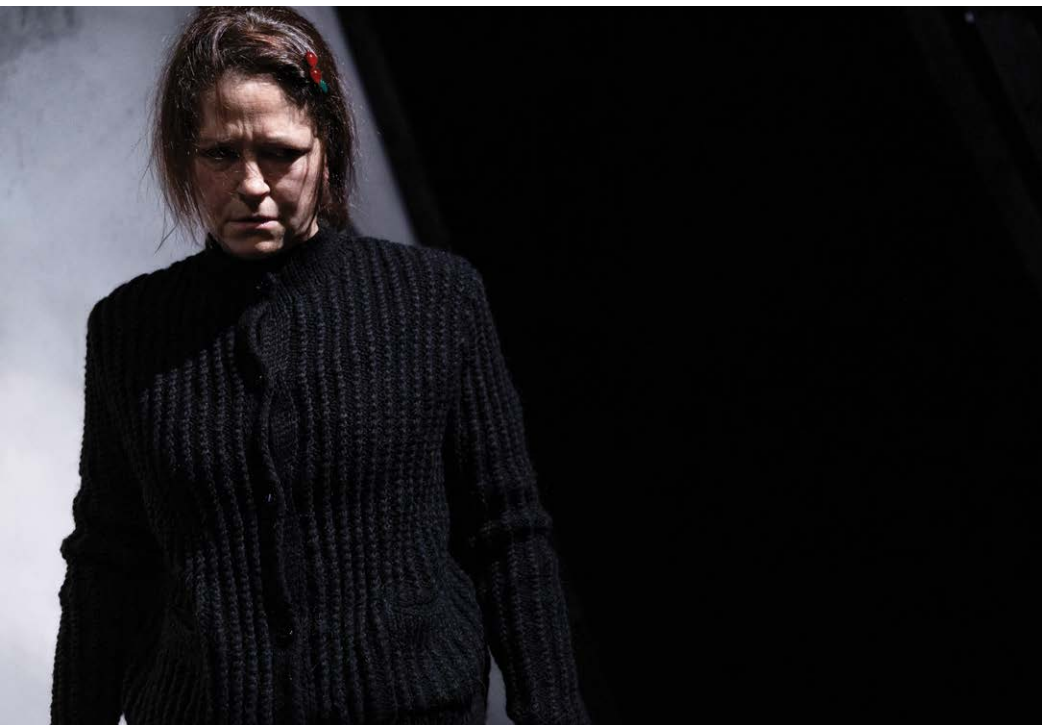
SOBRE A ENCENAÇÃO

Interessa-nos explorar estas duas mulheres inadaptadas. A solidão foi talvez a cor que mais se evidenciou, quando olhámos para *A Rainha da Beleza de Leenane* pela primeira vez. As primeiras impressões, sempre tão delicadas e certas, importam. Queremos, portanto, explorar as nuances desta solidão. É, por exemplo, nesta solidão que se funda a relação mãe-filha, que mais nos parece um verdadeiro sistema - conjunto de comportamentos, hábitos, regras silenciosas que pautam a vida destas personagens. Queremos testar essa relação/sistema em palco (sempre em palco!) para que os espectadores possam refletir livremente fora dele.

Os rituais de sobrevivência destas duas mulheres, cada vez mais decadentes, fazem do sistema mãe-filha uma espécie de distopia negra, onde se vive isolado, indiferente e desistente.

Numa animalidade humana, as personagens aparecem desfiguradas e grotescas. Com pouco esforço de imaginação, assemelham-se às criaturas pagãs das “bruxas da vila”. A casa é uma ilha dentro de uma ilha. É de forma muito crua, frontal e, eventualmente lúcida, que fica à vista a íntima infelicidade e os sonhos perdidos.





SOBRE O ESPECTÁCULO

A *Rainha da Beleza de Leenane* é a primeira da “trilogia Leenane” do autor. Martin McDonagh nasceu e foi criado em Londres, mas os seus pais eram irlandeses e os seus verões foram passados no condado de Galway, no Oeste da Irlanda. A natureza e as pessoas dessa região foram, assumidamente, o *playground* de muitas das suas obras. Criticado por alguns por não ir além de uma visão estereotipada do povo irlandês – críticas que deixou sempre sem resposta – Martin McDonagh parece não tanto querer fazer o desenho social da Irlanda, mas antes escrever sobre um fenómeno muito mais abrangente: o do mundo contemporâneo.

Mãe e filha são pintadas de forma brusca, crua e habitam uma paisagem

emocional, não só exagerada, como desproporcional. Os diálogos são rápidos, afiados (cortantes), com insultos e com momentos cómicos. “Eu caminho sobre a linha fronteiriça entre a comédia e a crueldade, pois acredito que uma ilumina a outra”, diz o autor. Extraíndo o riso de situações perversas, faz lembrar Samuel Beckett, também ele irlandês e que não pode deixar de ter sido uma influência literária para McDonagh. Aliás, Mag, a mãe desta história, tem vários traços da mulher sentada na cadeira de baloiço de *Rockaby* e, também, o binómio opressor mãe-filha parece citar “*Passadas*”, de Beckett.

A mãe e filha, reféns da casa-ilha, de onde as duas outras irmãs saíram “para ir viver”, têm rituais quotidianos

de sobrevivência que denotam uma espécie de desistência, de uma autossabotagem inevitável: a comida descartável, pré-fabricada ou o bacio de xixi diariamente despejado no lavatório da cozinha, são pormenores-símbolo que inspirarão o ambiente deste espectáculo. Também, os anúncios de televisão, séries e programas de rádio que povoam o imaginário destas duas mulheres parecem-nos influenciadores do ambiente e matéria sensível de trabalho. Interessa-nos também entender a maneira como estas duas mulheres veem a realidade (distorcida, parece-nos). Os elementos cénicos, em conjunto, podem criar dissonâncias, rasgões e novos eixos na camada onde a ação naturalista decorre.

Duas personagens masculinas entram na casa, vindas do exterior, uma com a alcinha de Pato, a antiga paixão de Maureen, emigrado em Inglaterra, e o seu irmão, habitante da vila de Leenane. Através deles, teremos a possibilidade de explorar uma visão exterior e de imaginar a forma como

a vila vê e entende (ou não) estas duas mulheres. São, portanto, peças fundamentais no espectáculo.

Uma nota para referir que em *A Rainha da Beleza de Leenane*, tal como, aliás, nas duas outras obras da trilogia em que se insere, os crimes cometidos não são punidos. Este não é um aspecto central na obra, nem guiará a nossa abordagem à mesma, no entanto vale a pena aqui referi-lo porque indicia que o autor não quis, em nenhum momento, restabelecer o balanço do mundo. Sem julgamento moral, *A Rainha da Beleza de Leenane* avança uma possibilidade, uma hipótese - arrepiante é certo - de como podemos (em geral) estar à beira de uma “casa” assim.

Sandra Faleiro







A RAINHA DA BELEZA DE LEENANE

A ação desta peça passa-se toda dentro de uma casa, na pequena localidade de Leenane, na costa oeste da Irlanda. Mãe e filha vivem nesta casa, numa relação doentia e de codependência. O isolamento a que estão sujeitas torna-se cada vez mais opressivo à medida que os dias passam. Maureen, a filha, é uma mulher solteira que ficou em casa para tomar conta da mãe, enquanto as suas duas irmãs, conseguiram sair, para viver as suas vidas e tentar um futuro. Mag, a mãe, é manipuladora e possessiva, com medo que a filha a abandone e a deixe sozinha. O tempo passa e os rituais repetem-se até ao dia em que estas duas mulheres recebem a visita de um antigo pretendente de Maureen, Pato Dooley, um homem que transporta o “sonho americano”, que está farto de trabalhar em Inglaterra e quer formar uma família, e do seu irmão mais novo, Ray Dooley, habitante da aldeia, uma espécie de espelho destas duas mulheres e do que elas representam para os habitantes de Leenane.

A entrada em cena destas duas personagens vai fazer com que tudo mude num jogo de subversão, expectativa, traição e mentira.

SALA ESTÚDIO . 15 FEV A 31 MAR . QUA A DOM 19:00



De **Martin McDonagh**

Tradução **Paulo Eduardo Carvalho**

Encenação **Sandra Faleiro**

Com **Nuno Nunes, Paula Lobo Antunes, Valerie Braddell e Vicente Gil**

Cenografia **Henrique Ralheta**

Figurinos **Sandra Faleiro**

Desenho de luz e vídeo **Cristina Piedade**

Sonoplastia **Sérgio Delgado**

Assistente de encenação **Martim Mesquita Guimarães**

Produção executiva **Susana Roldão**

Fotografia de cartaz **Pedro Macedo / Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Operação de luz, som e vídeo **Ana Miffon e Antonio Pinto**

Coprodução **Teatro da Trindade INATEL e Produções Teatrais Próspero**

Duração **90 min.**

Agradecimento especial **Marília Almeida Carvalho**, pela cedência de direitos de tradução, em memória do tradutor Paulo Eduardo de Carvalho

Agradecimentos **Catherine Braddell Schiappa, Félix Lozano, Marília Futre Pinheiro e Carlos Pinheiro, Mick Greer, Olga Hilário Slash e Teatro dos Aloés**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 10 MAR . DOM APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito** Secretariado Direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo** Produção **Andreia Rocha, Inês Oliveira, Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora), **Adriano Filipe, Alexandra Gonçalves e Miguel de Jesus Pereira** (Designer) Núcleo de Cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de Cena **Pedro Viegas e Rosário Vale** Iluminação **Ana Miffon e Pedro Gonçalves** Som **Rui Santos** Audiovisuais **Antonio Pinto** Palco **Filipe Bastos** Bilheteira **Beatriz Reis e Luísa Oliveira** Manutenção Geral **Vítor Albuquerque** Técnicas de Limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Acolhimento / Portaria **Carla Aniceto e Ovisegur – Vigilância e Segurança, Lda**



www.teatrotrindade.inatel.pt



COPRODUÇÃO



APOIOS



PARCEIROS



MEDIA PARTNER TEATRO DA TRINDADE



M16
2024

©Pedro Macedo - Framed Photos